

PROJETO E METÁFORA: EXPLORANDO FERRAMENTAS DE ANÁLISE DO ESPAÇO CONSTRUÍDO

DUARTE, Cristiane Rose⁽¹⁾; BRASILEIRO, Alice⁽²⁾; SANTANA, Ethel P.⁽³⁾; PAULA, Kátia de⁽⁴⁾; VIEIRA, Mariana⁽⁵⁾; UGLIONE, Paula⁽⁶⁾

- (1) Arquiteta, Dr., prof. titular da FAU/ UFRJ, coordenadora do grupo ASC/ Proarq/UFRJ (crduarte@ufrj.br)
 (2) Arquiteta, MSc., prof. da FAU/UFRJ, doutoranda e pesquisadora do grupo ASC/ Proarq/UFRJ (alicebrasileiro@ufrj.br)
 (3) Arquiteta, MSc., pesquisadora do grupo ASC/ Proarq/UFRJ (ethelp@terra.com.br)
 (4) Arquiteta, MSc., doutoranda e pesquisadora do grupo ASC/ Proarq/UFRJ (katia24@terra.com.br)
 (5) Arquiteta, MSc., doutoranda e pesquisadora do grupo ASC/ Proarq/UFRJ (m.diasvieira@terra.com.br)
 (6) Psicóloga, M.Sc. prof. da UNIFRA/RS, doutoranda e pesquisadora do grupo ASC/ Proarq/UFRJ (puglione@ig.com.br)

Resumo

Assim como as construções metafóricas da linguagem, o espaço sonhado, transformado e moldado num projeto nasce de um mecanismo de diálogo entre o sensível e o inteligível. Nesse processo, o indivíduo não apenas busca a explicação de sua situação no mundo, sua identidade, mas também reconstrói suas próprias lógicas e aspirações. Com base nessa premissa, o grupo de pesquisa “Arquitetura, Subjetividade e Cultura”, vinculado ao Proarq/UFRJ, tem buscado a sistematização de métodos para a análise da configuração dos atributos do espaço de modo a estabelecer os tipos identitários dos significados e das imagens urbanas coletivas assim como para a compreensão do espaço enquanto materialização das culturas, subjetividades e projetos de vida. Por meio do delineamento de ferramentas que têm base no leque interdisciplinar das ciências humanas, porém adaptadas à linguagem e à sensibilidade próprias a pesquisadores da área de arquitetura e urbanismo, o presente trabalho apresenta comentários sobre a leitura das metáforas espaciais, esperando contribuir para o debate sobre a importância da interdisciplinaridade na pesquisa em arquitetura e urbanismo.

Abstract

The dreamt, transformed and molded space, as well as metaphoric constructions of language, is born in a project-speaking atmosphere of mechanisms that wander between the sensible and the intelligible. In this process, individuals not only search for explanations about their identity and placing situation but also reconstruct their own logic and aspirations. Based on this premise, the Group “Arquitetura, Subjetividade e Cultura”, linked to Proarq/UFRJ, aims at systemizing methods for the analysis of the configuration of space attributes, in order to settle down identity types of meanings and collective urban images. It is also our goal to comprehend space as an embodiment of culture, subjectivity and life project. Through the use of some tools based on the interdisciplinary range of human sciences – although adapted to Architecture and Urbanism researchers’ language – this paper outlines some ideas over the construction of reading spatial metaphors wishing to contribute with the debates towards the importance of interdisciplinary issues in Architecture and Urbanism

Introdução

“O que é arquitetura? A expressão cristalina dos mais nobres sentimentos do homem, seu ardor, sua fé, sua religião! Isto é o que foi um dia! Mas quem, vivendo em nossa era cheia de praticidade, ainda pode compreender sua natureza envolvente e espiritual?”
 (GROPIUS, apud HARRIES, 1998:329)

Certa vez apresentamos os resultados de uma pesquisa em um seminário, comentando que os moradores de uma determinada favela agüentavam viver por muito tempo sob condições precárias porque acalentavam a certeza absoluta de que tal situação seria provisória (Duarte & Costa, 1994). Mostramos a existência de um “projeto da casa futura” que se sobrepunha, na imaginação dos moradores da favela, às paredes dos seus barracos. Os projetos da casa imaginada pelos moradores da favela foram apresentados por meio de desenhos feitos pelo punho dos moradores e coincidiam, efetivamente, com as alterações

das moradias efetuadas pelos habitantes nos anos que se sucederam à primeira pesquisa de campo.

No momento em que apresentávamos essas conclusões no referido seminário, um homem se levantou da platéia, em prantos, dizendo que a vida dele tinha achado uma “solução” naqueles exemplos. Dizia que ele *“descobriu naqueles projetos das casas [desenhadas pelos moradores da favela] a metáfora do projeto de vida que ele havia traçado [para si mesmo]”*(sic) e que espelhava sua vida atual *“na imagem da casa da favela”*, pois a sensação de uma situação “provisória” não o deixava agir em direção ao que realmente queria para sua vida.

Retirando o fato incomum de uma interrupção tão acalorada no meio de uma comunicação em seminário, não nos surpreendeu o fato de um projeto de uma casa estar sendo comparado a uma metáfora de vida.

De fato, “metáfora” se remete etimologicamente ao ato de transportar (de um sentido para outro) e o espaço, a arquitetura e os lugares imaginados se prestam como luvas para receberem significados de sentimentos abstratos transportados em busca de explicação. Muitas vezes os projetos se materializam e outras vezes não, mas o que nos tem interessado em nossas pesquisas é o mecanismo de projetar como resposta às aspirações e “visões de mundo” próprias de cada grupamento sócio-cultural.

Segundo STRÔNGOLI (1998:88):

“o sentido metafórico resulta da conciliação de dois polos- o subjetivo presentificado no processo enunciativo e o objetivo, constituído da materialidade (...). Essa conciliação ocorre através da experiência perceptiva que realiza a transformação do concreto e seus componentes espaciais, em abstrato, instaurando o pensamento metafórico”

Com base na antropologia de Duran (1992), entendemos que projetar um espaço pressupõe não apenas a imaginação desse espaço mas também a capacidade do indivíduo de interpretar os fatos do mundo e processá-los por meio de formas e volumes. Esta faculdade de perceber, apreender, conhecer e imaginar ações no espaço constitui, como diz STRÔNGOLI (1998:90): *“a própria experiência da consciência”*. Isso faz com que o Homem se coloque numa posição acima do tempo e do espaço, uma vez que sua consciência manipula um tempo e um espaço por ele imaginado a partir de dados reais.

Cabe frisar aqui que, ao falar em “projeto”, não estamos nos referindo somente ao projeto arquitetônico no seu sentido técnico, mas principalmente, ao projeto de lugares como resultado das aspirações coletivas e individuais do Homem, podendo inclusive ser desenvolvido em nível abstrato, sem a formalização das idéias num meio físico como um papel, mas constituindo-se num somatório de desejos e intenções a serem concretizados¹. Para Boutinet (2003 [1990]), o Projeto é uma necessidade vital de todo organismo vivo e o orienta para uma finalidade que polariza seu comportamento, para algo que guia sua vida na direção do que ela ainda não é. Segundo o autor, as realizações que concretizam a experiência humana foram, *“antes, em sua maioria, interiorizadas, pensadas, antecipadas e orientadas por meio do mecanismo do projeto”*. É com o Projeto que o indivíduo evita cair numa eterna e suicidária repetição, *“se esforçando para criar o inédito, mas não qualquer inédito: um inédito que mantenha uma secreta familiaridade com a experiência já vivida pelo indivíduo com sua história pessoal”* (2003:295).

No âmbito do Grupo de pesquisa “Arquitetura, Subjetividade e Cultura”, vinculado ao Programa de pós-graduação em Arquitetura da UFRJ, temos desenvolvido pesquisas e análises sobre a inter-relação pessoa – cultura - ambiente construído. O presente artigo tem a intenção de apresentar algumas diretrizes dessas pesquisas para colocá-las em discussão, buscando abrir diálogos e interfaces com os trabalhos que têm sido desenvolvidos por outros grupos de pesquisa na área.

¹ Para fazer referência a esse Projeto em seu *lato sensu*, usaremos palavra com Projeto, com P maiúsculo, referindo-nos ao “projeto amplo”, “projeto inteiro”, conforme delineado por Boutinet (2003 [1990]).

A INTERDISCIPLINARIDADE E A BUSCA DE ENFOQUES PARA A ANÁLISE DE PROJETOS DO ESPAÇO CONSTRUÍDO

Os estudos que temos desenvolvido junto ao Grupo de Pesquisas “Arquitetura, Subjetividade e Cultura” (PROARQ/UFRJ) têm comprovado o que diversos autores ressaltam sobre o processo de projeção (compreendido aqui como parte das atividades de imaginação): que esta necessita de um suporte espacial (arquitetura em seu *lato sensu*) para se efetivar.

A metodologia que temos aplicado em nosso trabalho tem por base diversos estudos que, há várias décadas, têm buscado compreender a “visão de mundo” (Geertz, 1973; Rapoport, 1969; entre outros) dos grupos de usuários de certos Lugares², por meio de leituras etnográficas dos ambientes e por meio de técnicas de investigação que perpassam a inicial observação participante até a aplicação direta de instrumentos de abordagem direta dos usuários.

Entendemos que conhecer os mecanismos de *moldagem do Lugar* (Duarte, 1993) e compreender os afetos atribuídos aos ambientes, constitui-se em fatores fundamentais tanto para a geração de estratégias de promoção do bem estar do Homem nos espaços construídos, como para o sucesso dos projetos de arquitetura e urbanismo.

Em um antigo trabalho, já dizíamos que o espaço construído transmite mais informações sobre seus usuários do que poderíamos descobrir por meio de entrevistas e questionários (Duarte, 1994). Mas as mensagens impressas nas paredes precisam de “intérpretes” para serem desvendados e os pesquisadores com formação em arquitetura são, em nosso entender, os mais aptos para essa tarefa de “tradução” (Duarte, 2002).

De fato, arquitetos e urbanistas com formação também voltada para a antropologia (Carlos Nelson dos Santos, 1979 e 1998; Amos Rapoport, 1969; J-P. Thibaud, 2000 e 2002; dentre muitos)³ ou, ainda, antropólogos voltados para o uso dos espaços (Freyre, Velho, DaMatta, Vogel entre outros)⁴ têm deixado preciosas interpretações que mostram como os espaços e seus usuários “falam” a mesma linguagem, sendo possível entender um a partir da análise do outro. No entanto, nem sempre os pesquisadores com formação em arquitetura e urbanismo conseguem adaptar as ferramentas da etnografia para a análise e leitura dessa “linguagem espacial”, que funciona efetivamente como uma linguagem silenciosa (Hall, 1994).

No momento, temos nos debruçado na elaboração e sistematização de um conjunto de metodologias de análise de espaços – que chamamos de *análise etiotopográfica*⁵. Por meio do delineamento de ferramentas que têm base no leque interdisciplinar das ciências humanas, porém adaptadas à linguagem e à sensibilidade próprias a pesquisadores da área de arquitetura e urbanismo, temos buscado a sistematização de métodos para a análise da configuração dos atributos do espaço de modo a estabelecer os tipos identitários dos significados e das imagens urbanas coletivas assim como para a compreensão do espaço enquanto materialização das culturas, subjetividades e projetos de vida.

Como explicitamos em nossos trabalhos:

Dentro do foco da posição do homem dentro de sua cultura, sua forma de entender e compreender os fenômenos que o cercam, os aspectos cognitivos e experienciais compartilhados por um grupo da população, e mediante uma representação coletiva da memória e das formas de se relacionar com o espaço, entendemos que a abordagem etnológica [etiológica], dentro dos estudos urbanos, é a que melhor representa nossas expectativas de resultados (Santana, 2004).

O número de elementos que podemos retirar de uma imagem constituída sob o véu de uma experimentação, a saber, a característica coletiva que abraçamos ao representar e valorar cada Lugar, é o mesmo que tomamos para expressar os espaços de acordo com o

² Para fazer a distinção de quando abordamos o **conceito de Lugar** (Tuan, 1983), sua grafia aparecerá em maiúscula no texto.

³ Referimo-nos às obras destes autores como um todo, mas podemos citar, mais especificamente: Santos, 1981; Rapoport, 1969; Thibaud, 2001.

⁴ Referimo-nos às obras destes autores como um todo, mas podemos citar, mais especificamente: Freyre, 1933; Velho, 1978; DaMatta, 1997 e 1998 e Vogel, 1981.

⁵ O termo que usamos tem sua construção com base no prefixo latino *etio* (como etiológico), que é o correspondente latino do prefixo grego *ethos* – ciência que estuda o comportamento dos homens em seu meio. A Análise Etiotopográfica estaria relacionada, assim, a uma aplicação de estudos de um grupo sócio-cultural em um determinado lugar; com base e suporte no espaço em si.

relacionamento (este visto aqui como relação + andamento) estabelecido em determinado momento, circunstância, ocasião e de acordo com suas diversas variantes anteriores.

Sobre essas dimensões espaciais transformadas pelas práticas culturais que têm envolvido cada vez mais o interesse dos estudos interdisciplinares e, mais do que isso, têm deixado de ser pano de fundo dos acontecimentos e adquirido novos significados (Low e Lawrence-Zuñiga, 2003) é que temos procurado nos debruçar. Conforme demonstram as autoras supracitadas, as mudanças contemporâneas mais significativas na área da antropologia – e demais áreas – têm sido, além do aumento de interesse dos pesquisadores para os aspectos espaciais e materiais da cultura do local, o reconhecimento de que o espaço construído é um componente essencial para a teoria sócio-cultural.

De Lynch (1997) retiramos uma contribuição valorosa na forma de se observar o espaço construído, uma vez que este nunca é percebido como um organismo total por seus usuários, mas, antes, como partes definidas que, em sua constituição, formam um todo estruturado de vivências, histórias e precedentes. O autor mostra que estas têm uma influência direta no modo como vivenciamos e experienciamos cada elemento da cidade: sua história, sua sociedade, suas relações de afetividade e a reprodução de seus símbolos.

Desta forma, o Projeto de um ambiente construído, formalizado pela identificação de um signo comum desnuda-se nos impactos produzidos pelas relações, que não são *auto-evidentes*⁶, mas que deixam sinais impressos no cotidiano dos lugares, nos hábitos, nas crenças e ações de uma coletividade, refletindo em seus usos e atributos.

Fazendo menção à necessidade de alterar as metáforas usadas para o estudo do espaço urbano, Jodelet (2002) comenta que, até bem pouco tempo, os estudos do espaço das cidades se encaixavam numa metáfora orgânica, onde a cidade seria comparada com um corpo (com seu coração, centro, periferia, artérias, sistemas funcionais). Tal metáfora, no entanto, por ser globalizadora, remetia-se a um enfoque que não permitia a visão das particularidades das apropriações do espaço em função das especificidades dos pequenos grupos culturais que conferem diversidade à cidade (seus micro-espacos, seus bairros, seus cantinhos, seus lugares). Assim, Jodelet sugere a metáfora da “massa folhada”, que aceita a co-existência de camadas diferentes, contemplando os jogos identitários inscritos em territórios diversos por meio da diversidade de experiências e das práticas sociais. Segundo a autora:

Essa metáfora poderia ser designada pela idéia de folheamento (...) o que permitiria uma representação mais complexa e descontínua das identidades e das práticas que obedecem a lógicas plurais e orientam relações diferenciadas com grupos e com cidadãos, com seus espaços e vida e com formas de apropriação específicas. (Jodelet, 2002:34)

Em nossa opinião, é apenas por meio da interdisciplinaridade que se poderá construir essa visão da experiência como propulsora dos projetos de arquitetura, muitas vezes legada apenas ao mero tecnicismo.

ESTUDOS DE CASO E ALGUNS CONCEITOS ADOTADOS

Com o arcabouço teórico aqui delineado, aliado a diversos outros correlatos encontrados na bibliografia pertinente ao tema, elegemos determinadas categorias de análise como forma de direcionar e guiar as primeiras etapas de aplicação metodológica, sendo estas: (1) Memória, (2) Identidade (3) Lugar e Experiência, (4) Dinâmicas espacial e cultural⁷.

Tais categorias permeiam os estudos desenvolvidos em diversas pesquisas associadas (conjunto de pesquisas, teses e dissertações defendidas ou em andamento em nosso grupo), buscando traçar panorama dos vínculos apropriativos e relacionais que os grupos sócio-culturais mantêm com o espaço; suas interpretações dos Lugares e formas de percebê-lo e experienciá-lo.

⁶ Termo utilizado por FERRARA, Lucrecia D'Alessio. Os Significados Urbanos. São Paulo: EDUSP, Fapesp, 2000, pp. 63.

⁷ Tais categorias de análise não são as únicas adotadas por nossas pesquisa mas, considerando o tamanho limitado do presente artigo, nos limitaremos às aqui citadas. Outros conceitos abordados dentro de categorias de direcionamento de análise (e não considerados no presente artigo são): Simbolismo/ Imagem; Significado; Ancrage/ Pertencimento

Memória

A primeira categoria, *Memória*, como sendo a 'leitura do espaço evolutivo', reflete a relação entre passado, presente e futuro de cada usuário dos lugares e delimita um princípio importante no reconhecimento do potencial simbólico e apropriativo dos espaços construídos. Todo espaço conta sua história e, de uma certa forma, as pessoas encontram nos Lugares os fragmentos de que necessitam para construir as suas próprias histórias individuais e coletivas. Dessa forma, podemos afirmar que a memória constrói a identidade dos grupos sócio-culturais e vice-versa.

As mudanças na cidade são verificadas nas transformações desses espaços e costumes, apreendidas pelo olhar do usuário que procura por uma identidade frente a estas modificações, em todos os ícones dispostos para sua localização. Nos diz Huyssen que: *"como indivíduos e sociedades, precisamos do passado para ancorar nossas identidades e alimentar uma visão de futuro"* (Huyssen, 2000). E complementa Jodelet (2002), lembrando que toda memória precisa de um espaço para se ancorar. Se as pedras e sua "indiferença", contrastando com o tumulto da vida moderna nas cidades, podem transformar o espaço num suporte fundamental para a ancoragem da identidade, a memória coletiva que estas pedras podem carregar depende, nos lembra Halbwachs (2001), de um certo movimento de continuidade:

"(...) diferente da história, a memória coletiva é uma corrente de pensamento contínuo que nada tem de artificial, já que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. A memória de uma sociedade estende-se até onde pode, quer dizer, até onde atinge a memória dos grupos dos quais ela é composta." (2001: 84).

Por sua vez, Pollak (1998) lembra que a memória é um fenômeno construído (consciente ou inconscientemente), num verdadeiro trabalho de organização mental onde alguns dados são aumentados, outros excluídos, outros, ainda, transformados.

Em duas pesquisas realizadas em bairros do Rio de Janeiro, constatamos que os espaços construídos na cidade convidam e acolhem recordações que são fundamentais para a construção de uma história coletiva dos moradores. No bairro Leblon (Duarte & Uglione, 2004), o processo de apagamento de um espaço (a Favela do Pinto que foi destruída por um incêndio de origem polêmica há 30 anos) marca e define o significado e as formas como os moradores pensam e vivem no bairro até os dias atuais. Assim, vemos que alguns fatos históricos que se quer "esquecer" passam também a não mais encontrar "espaço" na cidade. Outra pesquisa, no bairro Santa Genoveva / RS, (Duarte & Uglione, 2005), mostra a história do bairro também é "contada" e "re-interpretada" pelos espaços que ao longo dos anos se preservaram, mas também pelos espaços que se transformaram ou foram destruídos, mantendo-se, contudo, no imaginário urbano que confere caráter ao Lugar.

Ambas pesquisas demonstram que "ler" os espaços como auxiliares mnemônicos do coletivo requer percorrer as trilhas da rememoração, é preciso buscar no exercício do lembrar a emergência dos espaços como marcos para a ancoragem identitária dos grupos.

Identidade

Muito atrelada aos outros conceitos aqui descritos, a identidade também é, como a memória, construída pelos indivíduos a partir de um suporte espacial. Identidade é um conceito que traz consigo a idéia de reconhecimento e pertinência, estando sempre rebatida numa relação de igualdade e diferença, pois há sempre um contraponto, um parâmetro de comparação no qual o indivíduo se situa para construir o seu EU. Nesse sentido, o Projeto é a metáfora de quem sou, quem quero ser, quem quero que os outros pensem que sou. Trata-se de um tema recorrente em nossos trabalhos, mas que está longe de ser esgotado.

Em uma antiga pesquisa, estudamos um grupo de migrantes rurais que foi remanejado para um conjunto habitacional no Rio de Janeiro. Verificamos que as modificações efetuadas pelos moradores em suas moradias aconteciam de forma bem diferente na "frente" e nos "fundos" das casinhas. Por um lado, nas fachadas das casas, os moradores impunham os símbolos do que

eles consideravam ser o “aspecto urbano”: materiais não manufaturados como esquadrias de alumínio e revestimento de azulejos; portas e janelas abertas para exibir “troféus da vida urbana” (como aparelhos de som, televisões, cristaleiras). Por outro lado, nos fundos do quintal, os habitantes mantiveram as referências ao seu local de origem, o meio rural (gaiolas de passarinho, plantas, varal de roupas, redes para dormir). Assim, verificamos que tais habitantes foram capazes de encontrar, a partir desta dualidade, o equilíbrio necessário à construção de sua nova identidade: homens de origem no campo buscando ser indivíduos urbanos. A pesquisa, que se estendeu por seis anos, mostrou que, à medida em que ia modificando seus espaços, aquele grupo modificava também a si mesmo, construindo uma nova identidade num processo impossível de se realizar sem o suporte físico das casas do conjunto (Duarte, 1993).

Em outra pesquisa realizada em shopping centers do bairro da Barra da Tijuca, Rio de Janeiro (Celano, 2000), a identidade se revelou como metáfora das aspirações de uma sociedade que deseja se espelhar no “primeiro mundo”. Estudando as imagens do shopping “Barra world” (onde foram construídas réplicas da torre Eiffel, da torre de Piza e da Torre de Londres) e do shopping “New York City Center” (onde foi construída uma réplica da estátua da liberdade), a pesquisa mostra que o Projeto de tais edificações funciona da mesma forma que as campanhas publicitárias: para atrair compradores, ele busca aspirações identitárias que não ficariam explícitas em residências mas que, num shopping, encontra terreno fértil para expandir a fantasia do imaginário popular, misturando o ideário do poder a uma visualidade de progresso e “modernidade” que seduz seus visitantes:

“Verifica-se a tentativa de reprodução (kitsch) dos valores plásticos de nações hegemônicas na arquitetura da Barra, como se os empreendedores locais tivessem detectado a busca por uma nova identidade de uma sociedade que quer mostrar que, embora localizada no Brasil, pode se sentir quase tão poderosa e prestigiada quanto os cidadãos do primeiro mundo, quase como se fosse constituída de “brasileiros escolhidos”. (Duarte e Celano, 2002:132)

Também a respeito de identidade, em uma pesquisa que explorou o imaginário sobre os ambientes dos escritórios de advocacia, identificamos que há uma forte correlação entre a imagem pessoal do advogado e a identidade imagética do seu escritório (Baudrillard, 1997). Verificamos que, no imaginário coletivo, as pessoas esperam encontrar num escritório de advogado elementos como estantes repletas de livros, cadeiras de espaldar alto, simetria na arrumação do mobiliário e revestimentos em madeira, o que, para elas, transmite a imagem de um profissional bem qualificado, dotado de conhecimento, tradição, respeitabilidade, e, acima de tudo, “justo e equilibrado”, por meio da associação das identidades dos elementos físicos às qualidades pessoais. Assim, a pesquisa conclui que:

os valores associados aos elementos que compõem o espaço emprestam significado a quem o ocupa, o conceito simbólico gerado pelos elementos do ambiente se estende, ou pelo menos influencia, a imagem de quem utiliza o espaço (Duarte, Brasileiro, Cunha e Simões, 2003, p.10).

Seja ela considerada um “sentido de lugar” (Lynch, 1999), ou um “sentido da imagem de si mesma” (Pollak, 1992), a identidade se constitui na metáfora de um caráter próprio, do lugar ou de si mesmo, pelo qual se deseja ser, ou se é reconhecido. Segundo Lynch (1999:128): *“(...) os locais equilibrados e identificáveis são cabides convenientes nos quais se podem pendurar as memórias, os sentimentos e os valores pessoais”.*

Lugar e Experiência

Lugar representa um conceito suscitado pelo/para o espaço, a partir de seu usuário, no campo da simbolização, da experiência e da formação de vínculos identitários. Para Tuan (1983), “espaços” transformam-se em “lugares” quando permitem que a pessoa desenvolva afetividade em relação a este local e isso só é possível através da **experiência** do espaço. Rodman (2003) também argumenta que apesar de cada Lugar poder apresentar uma realidade única para cada pessoa, os seus significados podem ser comuns ao grupo, por meio do “compartilhamento de significados”.

Não existe, contudo, um momento exato em que o espaço “se torna” Lugar. Existe, sim, um processo contínuo, ininterrupto, no qual o ambiente é modificado, recebe afetos, toma novas

significações, modifica o indivíduo que o usa e retorna a ser alterado em seus valores e significados a cada momento. A esse processo ininterrupto chamamos de “moldagem do Lugar” (Duarte, 1993).⁸

A partir da dotação de afeto, da apropriação territorial (Fischer, 1994) e da personalização (Rapoport, 1969), o homem transfere ao ambiente o seu Projeto de Lugar; é através desse Projeto, segundo sua visão de mundo e aspirações, que ele produz um novo Lugar para si.

Dentre as pesquisas desenvolvidas pelo nosso grupo, uma delas utiliza a categoria Lugar para auxiliar no desenvolvimento de uma metodologia de análise cultural dos espaços, e tem como suporte espacial não o espaço urbano, mas um ambiente fechado, ocupado por escritórios (Brasileiro, 2005).

Pesquisamos como os diversos grupos de usuários podem deixar inscritas no ambiente algumas das suas próprias características, fazendo com que os Lugares possam transmitir informações a respeito de quem os ocupa, revelando seus aspectos culturais. A pesquisa citada vem elaborando dimensões culturais que auxiliem na compreensão da experiência do usuário no espaço, e a categoria Lugar passa transversalmente por algumas dessas dimensões.

Essas relações (culturais) são próprias de cada grupo, e no desenvolvimento dos processos de transformação do espaço em Lugar, são impressos no ambiente sinais dessas características. Por exemplo, num pavimento ocupado por escritórios de trabalho, mesmo que o projeto inicial do ambiente tenha determinado salas individuais para todos, se a orientação coletivista for dominante, sinais dessa tendência poderão ser vistas no ambiente: fotografias de confraternizações; símbolos gráficos compartilhados; intensa movimentação nas salas e nos locais comuns, como forma de socialização; e até mesmo, em algum grau, portas permanentemente abertas. A noção de que é um “grupo” que ocupa o Lugar é intenso, mesmo que existam personalizações individuais nas salas de trabalho. Já na situação oposta, onde há tendência ao individualismo, mesmo que o pavimento seja ocupado por estações de trabalho interligadas, os sinais de apropriação e personalização serão direcionadas ao e pelo indivíduo, e não ao ou pelo grupo. A necessidade de demarcação do território pessoal é maior, e poderá acontecer através de elementos físicos, como plantas, fotografias, objetos pessoais ou através de postura corporal, “fechando-se” para o ambiente como um todo, como se somente aquela estação de trabalho fosse o seu Lugar, e não em nenhum outro espaço do escritório. É a situação na qual Dumont (1985) ressalta que o “todo” é somente um meio para o desenvolvimento individual (Brasileiro e Duarte, 2005).

Já com relação aos espaços públicos, cita Low (*Apud* Vieira, 2001) que eles “(...) *devem ser entendidos como um processo no qual existe um alto grau de conflito, onde a experiência individual é produto das diversas forças sócio-políticas e culturais*”. Esses espaços, em relação dialética e unívoca, são de importância vital para a estruturação das cidades, para a qualificação da sua imagem como ambiente mediador entre a Casa e a Rua (enquanto categorias espaciais) e para a delimitação de sua forma frente à própria cidade.

Falar da experiência individual do homem na cidade significa, em parte, evocar esse espaço de socialização promovido pelo Projeto. Portanto um de nossos enfoques de pesquisa é o que busca verificar as formas pelas quais a experiência dos espaços estrutura os padrões de identificação do sujeito com o meio ambiente (Paula, 2003). Segundo Tuan (1983: 10), “experienciar é aprender, compreender; significa atuar sobre o espaço e poder criar a partir dele”. Dessa forma, é necessário “que o processo cognitivo se desenvolva através da percepção e da apreensão do espaço para que o indivíduo possa conhecê-lo e agir sobre ele” (Duarte e Cohen, 2004). Os padrões de agradabilidade estão, portanto inextricavelmente atrelados à experiência que se desenvolve nos lugares.

⁸ Considerando moldagem como sendo a “operação de moldar” e “moldar”, conforme o dicionário, como: “*formar moldes de, adaptar ao molde, (...) dar formas e contornos a, adaptar, afeiçoar, conformar, regular-se, dirigir-se, acomodar-se, (...) sujeitar-se a, conformar-se, harmonizar-se, adquirir feitio, tomar molde, tomar uma feição determinada*”. (Dicionário da Língua Portuguesa. O Globo. Rio de Janeiro, s/d)

Assim, nossa pesquisa desenvolvida com um grupo de cegos congênitos (Paula, 2003), constatou que da mesma forma como nós, videntes, buscamos o agradável, o belo e o confortável, as pessoas desprovidas de visão também considerarão “bela” toda a arquitetura que lhes transmita sensações agradáveis. Essa mudança de perspectiva faz-nos pensar que o corpo, enquanto **invólucro do “eu”** (Santos & Duarte, 2002), é capaz de transformar vontade em movimento, sem seguir necessariamente um padrão. Idosos, crianças, mulheres, homens, deficientes físicos e cegos terão corpos diferentes e transformarão o espaço em arquiteturas diversas. Segundo Maia (2001), “não é mais a arquitetura que gera o espaço no qual o homem deve se adaptar. O corpo gera a arquitetura onde a mesma está completamente subjugada aos atos do indivíduo. Assim, como diz Boutinet, “o espaço da **experiência** antecede e segue o espaço arquitetônico; ele é sua origem e destino” (2003: 174).⁹

Uma vez que existimos em um corpo físico, nossa percepção de espaço é dada pela exploração e interação deste: é o que compreendemos como sendo a relação corpo-espaço. Assim, nossa pesquisa dedica especial atenção à multiplicidade de formas de apreensão do espaço urbano e às especificidades que influenciam as diferentes experiências que as pessoas desenvolvem em relação aos espaços arquitetônicos.

Como falamos, as noções de belo e agradável, produzidas pelo conforto auditivo, térmico, olfativo e cinestésico, somam-se em nossas mentes com nossos sentimentos, lembranças, sonhos e aspirações, fazendo emergir julgamentos capazes de transformar espaços em lugares (Tuan, 1983) e tornando-nos aptos a interagir com eles. Para Villey (1936) e para nossos informantes cegos congênitos (Paula, 2003), a arquitetura pode ser compreendida através de sensações diferenciadas que, juntas, darão não apenas a idéia do todo, mas, principalmente, serão capazes de estimular a imaginação, criando valores e fornecendo significados aos Lugares.

A significação de Lugar, através da cultura e da história, fica clara no discurso de Jodelet (2002) e é importantíssima para a compreensão do papel desenvolvido pelas diversas atividades e diversos grupos de usuários nas cidades. A autora destaca quatro características desses espaços: o *caráter identificador*, apresentado pelos espaços que possibilitam a identificação e o reconhecimento de seus usuários por meio dele; o *caráter relacional*, evidente nos espaços que permitem a leitura da relação entre seus usuários (fornecedores, vendedores, clientes, por exemplo); o *caráter universal*, que possibilita atividades que podem ser reconhecidas sem a necessidade do texto ou das palavras; e por fim, o *caráter histórico*, que é um aspecto recorrente e resultado do somatório de experiências individuais dos usuários.

A apreensão dos espaços da cidade, como objeto multifuncional e fragmentado, não apenas engloba as diversidades culturais e micro-culturas, como também é mutável para um mesmo indivíduo. Diante disso, temos apostado numa estrutura teórico-metodológica baseada tanto num viés etnográfico quanto em alguns fundamentos da psicologia ambiental que, em nosso entender, nos permitirá abraçar diversas esferas na **experiência do usuário do espaço**, representadas na distinção *peçoal*, na necessidade de integração/participação do Outro e na formulação, conseqüente, de um ambiente e de uma experiência coletiva. É nesse sentido que comentamos mais uma categoria de análise, a Dinâmica Espacial e Cultural dos Espaços

Dinâmica Espacial e Cultural

Ao falarmos em espaços fragmentados, construídos ou consolidados estamos também falando do seu entorno e, conseqüentemente, de uma paisagem que se forma, entre outras coisas, a partir de seus dados formais. Dentre os diversos estudos sobre a paisagem, uma das abordagens mais pertinentes para a nossa pesquisa (Vieira, 2001) é a que enfoca a paisagem a partir da percepção do ambiente natural e construído associado às ações que caracterizam os usos e modificam as formas desses espaços. A paisagem é, desta forma, o resultado da articulação de todos os elementos que compõem a forma urbana associados aos valores culturais e seus significados. A contribuição dessa nova abordagem, representada principalmente pelos estudos da Nova Geografia Cultural, é estabelecer,

⁹ grifo nosso. Ressaltamos que o termo “experiência” foi aqui usado por ter sido assim empregado na tradução do referido livro em sua edição brasileira, na qual a expressão “espace vécu” está traduzida como “espaço da experiência” e não como “espaço vivido”. (Boutinet, J-P. Antropologia do Projeto. Tradução de Patrícia Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2002 p.160)

através de novos referenciais, novos objetivos e novas formas de compreender e ler a paisagem (Lewis, 1979; Groth, 1997; Cosgrove, 1997). Consideremos então a paisagem cultural como um conceito que amplia e transcende os limites da natureza, do urbano, da habitação, e toda intervenção humana, no espaço natural, como um elemento conformador da paisagem urbana (Groth, 1997b).

Um de nossos enfoques de pesquisa trata justamente da análise dos espaços livres públicos através de uma abordagem interdisciplinar que permite o estudo de sua forma, usos e funções focalizando aqueles espaços que possibilitam a organização eventual ou permanente de feiras livres (Vieira, 2005). Optamos por estudar esses espaços associados a tais práticas culturais porque acreditamos que eles são preenchidos de valor através de seus usos e que estes, por sua vez, interferem na re-criação ou reconceitualização de novos espaços. Essa hibridização cultural (normalmente presente nas feiras de grandes metrópoles), associada a essa intensa mobilidade e interconectividade são, entre outros, elementos que fazem das feiras livres instrumentos responsáveis pela manutenção da vida pública nas cidades. A intenção da pesquisa é compreender a particularidade dessa dinâmica urbana, analisando seu potencial para realçar os pontos de encontro e as zonas de contato entre as diferentes tipologias de espaços livres, diferentes usuários e as diferentes culturas e confirmar a importância dos espaços livres públicos na cidade contemporânea.

Uma outra pesquisa já concluída pode também ilustrar o enfoque acima descrito. A observação das diferentes formas de apropriação da praça do conjunto habitacional Vila Pinheiros (Duarte, 1993) nos fez apreciar o quanto um espaço pode ser preenchido por alterações de uso e sensações que dele se desprendem e que a ele dão caráter. Vimos que um espaço vazio transformado e apropriado pelos moradores como uma verdadeira “praça” foi se transformando no ponto nervoso e central, imã social e local de troca, convívio e diversão. A “praça” tornou-se, em pouco tempo, o lugar mais usado do “bairro”, como relatamos:

Antes deste espaço ter sido transformado em “praça” pelo uso de seus moradores, ele foi um vazio urbano, uma mancha branca apagada de um projeto urbano por negligências técnicas ou administrativas que não deram a ele nenhuma função específica. Assim, seu destino poderia ter sido o de dar suporte ao nascimento de uma favela ou de um lugar abandonado, um “não-lugar” (Augé, 1993) como tantos que circundam os conjuntos habitacionais das grandes cidades. Seus moradores usaram-no, no entanto, como suporte espacial para a confecção e moldagem de um grupo socio-cultural coeso, colocando-o em valor, criando e re-criando seus contornos, formas e significados, a cada dia, no cotidiano de Vila Pinheiros. (Duarte, 1993:248)

Assim, como ressalta Jacobs (1961), as pessoas não participam da vida do bairro simplesmente porque é preciso viver, trabalhar, fazer compras, rezar, ou se divertir nestes espaços: participa-se por se estar inserido num sistema de relações. O caso de Vila Pinheiros nos parece ilustrar muito bem este pensamento pois, motivadas pelas aspirações comuns e por uma mesma visão de mundo, as inter-relações (pessoais, sociais e espaciais) nos pareceram se constituir na matéria prima essencial para a confecção desta teia complexa que é a vida que emergiu no novo bairro.

Um outro trabalho que abordou a relação entre a Dinâmica Espacial e a Dinâmica Cultural teve como objeto de estudo a “Passarela do Álcool”, em Porto Seguro, Bahia (Manceira, 2003). Verificamos que a participação da população local na dinâmica da paisagem construída, mantendo os laços culturais através do uso residencial da edificação histórica e adequando-se aos novos valores advindos do turismo com o incremento do uso comercial, conferiu um significado exclusivo à esta paisagem, contribuindo certamente como um dos elementos diferenciais da reafirmação da identidade local, perante as transformações urbanas e sociais decorrentes do turismo.

Vimos que, por um lado, a preservação da Cidade Alta de Porto Seguro resguardou sua beleza e referências históricas, porém submeteu-a a objeto de admiração, distante do cotidiano da população. Enquanto isso, a arquitetura histórica da Cidade Baixa, diante da necessidade de oferecer uma infra-estrutura às atividades econômicas, adaptou-se aos usos decorrentes do turismo, alterando as relações dos usuários com a arquitetura. O incremento do uso comercial ao residencial permitiu a continuidade da interação sócio-econômica-cultural da população com

o conjunto arquitetônico histórico, contribuindo para a formação de um recorte espacial com dinâmica urbana única em Porto Seguro (Duarte e Manceira, 2004)

Antes de terminarmos esta sessão de ilustrações, cabe-nos dizer que outras categorias de análise também estão na base de nossas investigações, como, por exemplo, “Significado” ou, ainda, “Ancrage”. Contudo, a fim de não estender o discurso aqui trazido diremos apenas que a primeira, como forma de ‘interpretação experiencial do espaço’, age como uma matriz decodificadora dos diversos símbolos oferecidos pela cidade. O *Significado*, seria então o conteúdo que interpreta e explica uma relação causal com o espaço torna-se, assim, o veículo para delimitação dos valores e atributos sensíveis. Por sua vez, *Ancrage*¹⁰, como ‘um grupo de relações de identidade, enraizamento e apropriação’, denota um ambiente reconhecível, legível e estruturado, de acordo com as experiências de uso e participação cotidiana, ou não, do usuário. Como Identidade, relacionamos o conjunto de fatores que influenciam a relação do homem com o ambiente e que possibilitam a construção de um espaço amparado psicologicamente e afetivamente, delimitando também um Lugar.

ENSAIANDO ALGUNS PASSOS METODOLÓGICOS

Como sinaliza BARTHES (1984) o espaço como escrita é uma **metáfora** já bastante comum nos meios acadêmicos e profissionais; no entanto **é preciso transformar metáforas em ferramentas científicas para a pesquisa e o projeto arquitetônico**.

Os passos metodológicos que buscamos construir em nossas pesquisas visam criar formas de análise que permitam compreender o espaço enquanto materialização das culturas e subjetividades, analisar a configuração e os atributos do espaço construído de modo a estabelecer os tipos identitários dos significados urbanos e das imagens urbanas coletivas, a partir de seus usuários.

No bojo das contribuições teóricas, damos destaque ao trabalho de Jacques Cosnier (2001), ao definirmos um leque de investigações através das categorias de análise acima descritas. Os trabalhos efetuados por membros de nossa equipe também merecem destaque como contribuições para a arquitetura do método, dentre outros: Duarte (1993), Vieira (2001) e Santana (2003).

Nossa sistematização metodológica tem passado pelas seguintes etapas:

I) demarcação e classificação de categorias espaciais e arquitetônicas com base nas categorias sociais encontradas. Cabe frisar que categorias sociais são classificações que encerram grupos sociais compostos de indivíduos que detêm a mesma visão de mundo, expectativas, atividades e/ou características culturais. Já as categorias espaciais encerram Lugares carregados de significados que abrigam os mesmos valores, usos e/ou marcas simbólicas (como “Casa” e “Rua”; “Casa-grande” e “Senzala” por exemplo)

II) catalogação e estudo de metodologias empregadas por autores nacionais e estrangeiros que compreendam a materialização do espaço vivido como constante de representação social e humanística;

III) estudo da possibilidade de adaptar ferramentas da etnografia voltando-as para análise do espaço enquanto linguagem;

IV) análise dos espaços vividos com base nos conceitos descritos mais acima, buscando encontrar padrões e especificidades, procurando efetuar uma leitura dos grandes espaços e também de seus menores detalhes; registrando seus usos, seus significados, seus códigos e lógicas inscritas nos Lugares, objetos de nossos estudos;

V) estabelecimento de elenco de ferramentas. Busca de uma sistematização metodológica da *análise etiotopográfica*, a fim de aprofundar o conhecimento sobre as relações entre

¹⁰ Ancrage = do francês “ancoragem”.

pessoa-cultura-ambiente e compreender a forma de apreensão e cognição do espaço urbano através de sua valoração simbólica e memorial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Demonstrando a forma de apreensão e configuração do espaço através de sua valoração simbólica e memorial, por meio de diálogos entre o Homem e suas necessidades culturais e sociais, numa abordagem arquitetônica voltada para as expectativas dos diversos grupos urbanos, temos buscado compreender o papel intrínseco do espaço sonhado, pensado e construído. De fato, como diz Jodelet:

(...) a relação do sujeito individual ou coletivo com seus espaços de vida passa por construções de sentido e significado que se baseiam não somente na experiência direta e na prática funcional (...), mas também no valor simbólico conferido ao ambiente construído pela cultura, pelas relações sociais, pelo jogo do poder (...). (Jodelet, 2002, p.34)

Com o foco nos objetivos de nossas pesquisas, procuramos suscitar a produção de formas de olhar e estudar o espaço construído através de seu usuário coletivo e individual, e por meio dos diversos usos e dinâmicas que estes imprimem nesses espaços.

Esperamos, com nossas pesquisas, que os Projetos de espaços materializados em arquitetura sejam vistos como *locus* de ação e reação de atores sociais, e seu estudo crítico preocupe-se em compreender a *emoção* experimentada em cada lugar (nostalgia, constrangimento, afeto, rejeição, indiferença) como forma de resposta a sua visão de mundo. Neste sentido, sustentamos que o arquiteto deve compreender as expectativas do homem com relação a seus espaços, percebendo-o como centro, ator, construtor e principalmente parte da elaboração de seus Projetos.

Assim como as construções metafóricas da linguagem, o espaço sonhado, transformado e moldado num Projeto nasce de um mecanismo de diálogo entre o sensível e o inteligível. Nesse processo, o indivíduo não apenas busca a explicação de sua situação no mundo, sua identidade, mas também reconstrói suas próprias lógicas e aspirações. Parafraseando Strôngoli (1998:94), seria pertinente pensarmos que se, como dizem Deleuze e Guattari (1992: 259) nós, indivíduos, “*pedimos somente um pouco de ordem para nos proteger do caos*”, talvez seja justamente por meio de nossos Projetos que encontraremos nossa efetiva proteção.

Referências Bibliográficas

- AUGÉ, Marc. Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade. São Paulo: Papirus Editora, 1993/1994.
- BARTHES, Roland. Incidentes. Tradução de Julho Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Guanabara, 1977.
- _____. A Câmara Clara. Trad. Júlio Castañon Guimarães, 7ª impressão, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.
- BOUTINET, Jean-Pierre. Anthropologie du Projet. 7ª edição. Paris PUF, 2003 [1990]
- BRASILEIRO, Alice. Projeto de doutoramento submetido ao PROARQ/UFRJ. 2005
- BRASILEIRO, A. e Duarte, C.R. Índices culturais refletidos no Projeto de Arquitetura: Pesquisa e suas Interfaces. Artigo submetido ao Projetar 2005 (II Seminário sobre ensino e pesquisa em projeto de arquitetura)
- CELANO, Carmem Valéria. A Imagem da Arquitetura e a Construção do Imaginário: A Identidade Nacional em Debate. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2000
- COSGROVE, Denis. *A Geografia está em toda parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas* In: CORREA, Roberto L. e ROSENHAL, Zeny (orgs). Paisagem Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: EDURJ, 1998, pp. 92 a 122.
- COSNIER, J. L'Espace Urbain en Méthodes. Collection Eupalinos, Marseille: Éditions Parenthèses, 2001.
- DAMATTA, ROBERTO. A CASA E A RUA: ESPAÇO, CIDADANIA, MULHER E MORTE NO BRASIL. Rio de Janeiro: Rocco, 1997 (5ª. ed.)
- _____. O QUE FAZ DO BRASIL BRASIL? RIO DE JANEIRO: ROCCO, 1998
- DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane.R. e RHEINGANTZ, Paulo A. (Orgs.). Projeto do Lugar. Colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro: Contracapa livraria/PROARQ, 2002.
- DELEUZE, G. e GATTARI, F. O que é filosofia? Rio de Janeiro: 34 LITERATURA, 1992
- DUARTE, C. R., BRASILEIRO, Alice, SIMÕES, Ana Paula S. Valores, Símbolos e Significados dos Espaços: Análise de Escritório de Advocacia In: Colóquio Benard Salignon: Interfaces Conceituais entre a Arquitetura e a Psicanálise, 2003, Recife.
- DUARTE, C. R. e CELANO, C. V. . Reflections on National Identity in the Architecture of Rio de Janeiro. In: 17th Conference of the International Association for People-Environment Studies: Culture Quality of Life and Globalization - Problems and Challenges for the New Millennium. A Coruña : Mira, Cameselle & Martínez / Universidad de A Coruña, 2002. p. 132-133

- DUARTE, Cristiane R. & COSTA, Lucia. *The Perceptions of Precariousness in the Urban Environment*. In: Value in Tradition- Proceedings of the 4th International Conference of IASTE. Tunis, Tunisia, 1994
- DUARTE, C. R. e Cohen, Regina. "Arquitetura e Desenho Urbano Inclusivos: Estratégias para a Inclusão de Pessoas com Deficiência nos Espaços Públicos" – Relatório Científico de Pesquisa/CNPq, UFRJ, 2004.
- DUARTE, C. R. e, MANCEIRA, P. de L. A Passarela do Álcool e o vai-e-vem de Turistas em Porto Seguro: Um Mundo à Parte In: NUTAU 2004, São Paulo. 2004
- DUARTE, Cristiane R. S. e SILVA, Osvaldo L. S. . *A Criatividade Popular do Habitat: Estudo de Caso de Populações de Baixa Renda no Rio de Janeiro*. In: anais do. Colóquio Internacional Arquitectura, Creatividad + Interdisciplina. Buenos Aires, 1989.
- DUARTE, Cristiane R. S. *The Raising of a Community: Urban Experience in a Low Income Settlement in Rio de Janeiro*- in: Neary, S. et alli: The Urban Experience. Londres : E&FN Spon, 1994.
- _____. *Quando Paredes são Palavras*. Palestra proferida no I Congresso Internacional de Psicanálise e Intersecções - Arquitetura: Luz Metáfora - Um Olhar sobre o Espaço e Significados. Porto Alegre, 2002.
- _____. *Intervention Publique et Dynamique Sociale dans la Production d'un Nouvel Espace de Pauvreté Urbaine: Vila Pinheiros, à Rio de Janeiro*- Thèse de Doctorat de l'Université de Paris-I Sorbonne, 1993
- DUMONT, Louis. *O Individualismo: Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985
- DURAND, Gilbert. *Les Structures Anthropologiques de l'Imaginaire*. Paris : Dunod, 1992 [11 ediction]
- FERRARA, Lucrecia D'Alessio. *Os Significados Urbanos*. São Paulo: EDUSP, Fapesp, 2000
- FISCHER, GUSTAVE-N. *Psicologia Social do Ambiente*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- FREYRE, GILBERTO. *Casa-Grande & Senzala*. In: Gilberto Freire: Obra Escolhida. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1977 (1933)
- GEERTZ, CLIFFORD. *The Interpretation of Cultures*. Nova York: Basic Books, 1973.
- GROTH, Paul. *Preface*. In: GROTH, P.; BRESSI. *Understanding Ordinary Landscapes*. Yale University Press, 1997, pp.vii-ix.
- _____. *Frameworks for Cultural landscape Study*. In: GROTH, P.; BRESSI. *Understanding Ordinary Landscapes*. New Haven: Yale University Press, 1997b, pp.1-21.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 2001
- HALL, Edward T. *A Dimensão Oculta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- _____. *A linguagem silenciosa*. Lisboa: Relógio D'água, 1994.
- HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumento, mídia*. Aeroplano Editora. Rio de Janeiro, 2000.
- JACOBS, Jane. *The Death and Life of Great American Cities*. Random. New York, 1961
- JODELET, Denise. *Cidade e Memória* In: DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane.R. e RHEINGANTZ, Paulo A. (Orgs.). *Projeto do Lugar. Colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo*. Rio de Janeiro: Contracapa livraria/PROARQ, 2002. pp31-43
- LOW, Setha M. e Lawrence-Zuñiga. *The Anthropology of Space and Place. Locating Culture*. MPG Books, Bodmin, Cornwall, UK, 2003.
- LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. Rio de Janeiro: Ed. Martins Fontes, 1997.
- _____. *A Boa Forma da Cidade (1970)*. Lisboa: Edições 70, 1999.
- MAIA, Marcelo. "Depois Do Fim Da Arquitetura. A Arquitetura Não Mais Como Forma No Espaço, Mas Como Movimento Do Corpo No Tempo" TEXTO ESPECIAL 088 In Revista Eletrônica Vitruvius, Julho 2001.
- MANCEIRA, Paula Manceira. *Paisagem Construída e Identidade Local: Um Estudo da Arquitetura Histórica no Centro de Porto Seguro - BA*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Proarq-Universidade Federal do Rio de Janeiro , 2003.
- PAULA, Kátia C. L. de. *A Arquitetura Além da Visão: uma reflexão sobre a experiência no ambiente construído a partir da percepção das pessoas cegas congênitas*. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2003. Dissertação de Mestrado.
- POLLAK, Michael. "Memória, Esquecimento, Silêncio". In: *Estudos Históricos*, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989.
- POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. In: *Estudos Históricos*. Vol. III, Ass. de Pesquisa e Documentação Histórica do Cpdoc/FGV, Rio de Janeiro: 1992.
- RAPOPORT, AMOS. *House Form and Culture* - Prentice Hall Inc., Englewood Cliffs, 1969.
- RODMAN, Margaret C. *Empowering Place: Multilocality and Multivocality*. In: LOW, Setha M.; LAWRENCE-ZUÑIGA, Denise. *The Anthropology of Space and Place. Locating Culture*. Blackwell, Bodmin, Cornwall, U.K., 2003, pp. 204-223
- SANTANA, Ethel P. *A Cidade no Fragmento: Lugar e Poiesis no Largo da Carioca*. Dissertação de Mestrado PROARQ/FAU/UFRJ, 2004.
- SANTOS, A.L. V. & DUARTE, C.R. *Casas Invisíveis: um estudo de caso da população de rua do Rio de Janeiro*. In: DEL Rio, V.; DUARTE, C.R. & RHEINGANTZ, P. (Orgs) *Projeto do Lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / PROARQ, 2002.
- SANTOS, C. N. Ferreira dos. *Espaço e Poder* - Rio de Janeiro: IBAM, 1979.
- _____. *A Cidade como um Jogo de Cartas*. São Paulo: Projeto Editores/ EDUFF, 1998.
- STRÔNGOLI, Maria Thereza de Q.G.. *Pluridimensionalidade da Metáfora*. In: Intercâmbio. vol.VII. São Paulo: puc sp, 1998 (85-94)
- THIBAUD, Jean-Paul & LEROUX M.. *Compositions sensibles de la ville. Ville émergente et sensorialité* Grenoble: CRESSON, 2000.
- THIBAUD, J-P et GROSJEAN, M (dir.). *L'Espace Urbain en Méthodes*. Collection Eupalinos, Marseille: Éditions Parenthèses, 2001.
- THIBAUD, Jean-Paul. & JOSEPH Pascale. *Regards en action : ethnométhodologie des espaces publics*. Paris: À la croisée, 2002.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.
- UGLIONE, Paula. *Projeto de doutoramento submetido ao PROARQ/UFRJ*. 2005
- VELHO, G. *A Utopia Urbana: um estudo de Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978 (3ª. ed.)
- VILLEY, Pierre. *Le Monde Des Aveugles: Essai De Psychologie*. 5. ed. Paris: Ernest Flammarion, 1936.
- VIEIRA, Mariana Dias. *A Poética do Largo*. Dissertação de Mestrado apresentada ao PROURB/UFRJ, 2001
- VIEIRA, Mariana. *As Feiras Livres: Um Espetáculo da Paisagem Urbana*. Tese de Doutorado em andamento Proarq/UFRJ, 2005
- VOGEL, A. & SILVA MELLO, M. A. DA. *Quando a Rua Vira Casa*. Rio de Janeiro: FINEP/IBAM, 1981